



QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

GENDER ISSUES IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

Tábata dos Santos Fioravanti¹

Vantoir Roberto Brancher²

RESUMO: O objetivo desta escrita é analisar as representações de gênero e violência de gênero de membras de Núcleos de Estudos sobre Gênero dos Institutos Federais do Rio Grande do Sul (RS). Sabe-se que as profissões são gendradas, portanto, o debate sobre a temática se faz importante na Educação Profissional e Tecnológica. Diante disso, esta pesquisa é qualitativa, sendo a construção dos dados realizada a partir de entrevistas semiestruturadas com sete integrantes de um Núcleo de Gênero de um Instituto Federal do estado do RS. Ademais, as discussões foram realizadas à luz da análise de conteúdo. Desse modo, conclui-se que cada participante tem sua forma de vivenciar a violência de gênero e a interpreta de maneira singular. As participações nos núcleos podem fazer convergir suas respostas, dado que todas compreendem o gênero como uma construção social do feminino e do masculino. Quanto às violências de gênero, a maioria afirmou que aquelas relacionadas à agressão física são as mais impactantes, porém existem outros tipos de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Educação Profissional e Tecnológica. Violência de Gênero.


ABSTRACT: In this writing we sought to analyze the representations of gender and gender violence of members of the Centers of Studies on Gender of the Federal Institutes of Rio Grande do Sul. It is known that professions are gendered, therefore, the debate on the subject is important in Professional and Technological Education. This research is qualitative, the construction of the data was carried out with semi-structured interviews with seven members of a gender centers of a Federal Institute from state of Rio Grande do Sul. The discussions were carried out in the light of the content analysis. We conclude that each participant has its own way of experiencing gender violence and interprets it in a unique way. The participations in the centers may converge to similarities in the answers, since all comprise gender as a social construction of the feminine and masculine. Regarding gender violence, most stated that those related to physical aggression are more impactful, but there are others types of violence besides these.

KEYWORDS: Gender. Professional and Technological Education. Gender Violence.


Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado, sendo assim, seu objetivo é analisar as representações de gênero e de violência de gênero de participantes de Núcleos de Estudo sobre Gênero de um dos Institutos Federais (IFs) do Rio Grande do Sul (RS).

¹ Instituto Federal Farroupilha. E-mail: tabatafioravanti@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8813-3657>

² Instituto Federal Farroupilha. E-mail: vantoir.brancher@iffarroupilha.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2829-7320>

● [Informações completas da obra no final do artigo](#)

De acordo com Saffioti (2015), é impossível haver uma sociedade sem gênero, visto que é assim que as sociedades constroem as noções de feminino e masculino. Atualmente, o Brasil vive um momento conservador em vários aspectos, pois os “[...] movimentos Escola Sem Partido e Ideologia de Gênero têm causado um grande estrago nos avanços conquistados com muita luta ao longo da história” (COLLING, 2020, p. 73). Além disso, sabe-se que os estudos sobre gênero tornam-se cada vez mais acalorados (LOURO, 2018), entretanto, acredita-se ser de suma importância os debates sobre gênero e violência de gênero nas escolas, em especial nos IFs.

Nas construções sociais de gênero, encontra-se a “[...] divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos” (BOURDIEU, 2012, p. 18). O padrão “homem pode e mulher não” está desaparecendo (LINS, 2017), mas ainda é reforçado por muitas pessoas e instituições na atual sociedade. As profissões da área da ciência e da tecnologia, por exemplo, são vistas como masculinas e, muitas vezes, o espaço da educação nessas áreas é um ambiente hostil para meninas e mulheres (LOPES; QUIRINO, 2017).

Mesmo quando há uma curiosidade por áreas tecnológicas, influenciada por profissões de familiares homens, as meninas ou mulheres são excluídas das conversas em casa sobre a temática (LOPES; QUIRINO, 2017). Na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), o número de meninas ou mulheres inseridas nos cursos das ciências duras³ é bem menor quando comparado ao número de meninos e homens. Já nos cursos das humanidades há predominância de mulheres (LOPES; QUIRINO, 2017; VEGA, 2017).

Percebe-se que as profissões são generificadas, dado que, na construção do imaginário social, algumas profissões são “para homens” e outras “para mulheres”. Tendo em mente que a sociedade é sexista e patriarcal, na qual os homens ocupam as posições centrais, na atual divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 2012), as “profissões masculinas” ainda possuem mais destaques e as “femininas” são desvalorizadas (BARRAGÁN *et al.*, 2016).

As discussões sobre gênero no âmbito da educação ainda são necessárias, principalmente nos IFs que ofertam a EPT, isso porque a mesma é comprometida com a formação humana integral que visa “[...] superar o ser humano dividido historicamente pela

³ Como são chamadas as áreas de ciência, tecnologia e exatas.

divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar” (RAMOS, 2014, p. 84). Ou seja, a educação integral objetiva romper com a dualidade do ensino, proporcionando uma formação completa aos/às discentes.

Sendo as profissões gendradas⁴, compreende-se que a educação em EPT deve problematizar as questões de gênero, visto que ela objetiva garantir ao/à trabalhador/a “[...] o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política” (BRASIL, 2010, p. 40). Nos IFs do RS, foram criados núcleos para que as temáticas de gênero, sexualidade e diversidade sexual sejam debatidas. Esses núcleos têm a finalidade de promover discussões, pesquisas e ações (eventos, capacitações, problematizações, etc.) sobre essas temáticas (IFFAR, 2016; IFRS, 2017; IFSUL, s/a).

Quanto às relações de comunicação, elas são relações de poder; nelas, as linguagens são depósitos de construções pré-determinadas e naturalizadas que funcionam como instrumentos inconscientes de construções ideológicas (BOURDIEU, 1989). Quando há comunicação, se está afirmando uma “[...] imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (HALL, 2006, p. 40).

Sendo a linguagem um fenômeno social, acredita-se que novas palavras e formas de falar podem ser criadas a fim de exterminar o sexismo (SAFFIOTI, 2015). Há países no Ocidente que já utilizam pronomes de gênero neutro (LINS, 2017), porém, no Brasil, esse debate ainda é novo. Na Língua Portuguesa, o neutro ou universal normalmente é o masculino, o que “nos impede de olhar a existência das mulheres” nas frases (LINS *et al.*, 2016, p. 12). Por isso, neste artigo, optou-se por utilizar uma escrita gendrada.

Metodologia

A presente pesquisa é de cunho qualitativo e caracteriza-se como uma pesquisa social, visto que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo (MINAYO, 2016). Segundo Jacobini (2006), a pesquisa qualitativa é o método apropriado para as ciências humanas, posto que o ser humano não deve ser um objeto a ser medido ou tabulado. Nesse viés, os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, que, devido à pandemia da COVID-19, foram realizadas remotamente. A entrevista

⁴ Palavra relacionada a gênero.

semiestruturada permite a organização das perguntas, porém deixa ao/à entrevistado/a a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

A amostra foi selecionada pelo método *snowball* (bola de neve), que utiliza cadeias de referências (VINUTO, 2014), como uma espécie de rede. Nesse método, a participante inicial de um estudo indica outras participantes, que também indicam novas participantes, e assim por diante, até que o objetivo do estudo seja alcançado (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa para ver quem estava à frente do cargo de chefia do setor ao qual o Núcleo de Estudo de Gênero é subordinado, resultando na primeira colaboradora. Após o aceite, no dia agendado, foi realizada a entrevista com 18 questões⁵, sendo que, destas, três eram para atingir o objetivo específico desta escrita. Com as demais colaboradoras⁶, as entrevistas foram realizadas com um questionário contendo 19 perguntas. Sendo assim, foram entrevistadas sete servidoras que atuam nos núcleos de gênero da Instituição estudada.

Após as entrevistas, as transcrições foram realizadas e enviadas às entrevistadas para revisão e a análise foi feita somente após o retorno das entrevistas revisadas. As discussões sobre os dados foram realizadas à luz da análise de conteúdo, que é um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2002, p. 38). Essa técnica permitiu elencar categorias que auxiliaram na leitura analítica das narrativas produzidas pelas colaboradoras.

Ressalta-se que o estudo foi realizado respeitando os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos. Dessa forma, as entrevistas só foram realizadas após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal Farroupilha. Aprovação esta firmada pelo Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de número 30384820.7.0000.5574.

Para preservar a identidade das colaboradoras, foi solicitado que escolhessem um nome para serem designadas no estudo. Todas as entrevistadas optaram por nomes de mulheres ligadas às causas feministas, a única exceção foi Girassol. Ela escolheu o nome

⁵ O questionário pode ser encontrado na Dissertação da autora, disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/produtos-profepet>.

⁶ O único homem indicado declinou da proposta.

dessa flor, pois, para ela, representa uma planta que está sempre virada para o Sol, para a luz. A Tabela 1 apresenta o perfil das colaboradoras:

Tabela 01. perfil das colaboradoras

Nome	Titulação	Idade	Gênero	Cargo	Campus
Perséfone	Doutora	37	Feminino	Professora	0
Pagu	Mestra	39	Feminino	Professora	1
Alexandra Kollontai	Doutora	35	Feminino	TAE ⁷	2
Chiquinha Gonzaga	Doutora	42	Feminino	Professora	3
Bertha Lutz	Mestra	55	Feminino	Professora	4
Carolina Maria de Jesus	Doutora	37	Feminino	Professora	5
Girassol	Doutora	45	Feminino	Professora	6

Fonte: os autores.

Considerando que se trabalharia com representações, optou-se por apontar, durante a entrevista, sete imagens sobre violência de gênero. Estas foram selecionadas em abril de 2021, no site de buscas *Google Images*, onde foi realizada procura por imagens de “violência de gênero”, devido à dificuldade de encontrar imagens representativas de livre utilização, neste artigo optou-se por descrever as imagens em lugar de apresentá-las.

Análise das Narrativas

Com o intuito de conhecer as representações de gênero e violência de gênero das colaboradoras, foram apresentadas as sete imagens selecionadas e, a partir disso, estabelecida a discussão, que foi dividida em três subcategorias: análise das imagens sobre violência de gênero, entendimento de gênero e entendimento de violência de gênero.

As imagens utilizadas no estudo estão descritas na Tabela 02 abaixo.

⁷ Técnico-Administrativo em Educação.

Tabela 02. Descrição das imagens utilizadas no estudo

Nome da Imagem	Descrição
Figura 1: Família	Desenho de uma família. A mãe segura um bebê, o filho e a filha seguram a saia da mãe; os três estão com lágrimas nos rostos. O pai está desenhado como um mostro, todo em marrom e com dentes afiados. Abaixo tem o número do serviço de proteção a mulher: 180
Figura 02: Mulher na parede	Em primeiro plano há um braço masculino em ameaça de um tapa, em segundo plano, contra uma parede, há uma mulher com o rosto virado e mãos levantadas.
Figura 03: Ambiente corporativo	Quatro homens se cumprimentando e uma mulher sem cumprimentar ninguém. O fundo da imagem e os homens estão na cor azul e a mulher toda de rosa.
Figura 04: Casal em sombras	Sombras de um homem erguendo uma mão com um soco e a outra no peito da mulher, a mulher está tentando pará-lo.
Figura 05: Mulher	Desenho de uma mulher usando uma blusa me manga comprida verde e uma saia listada, há uma lágrima em seu rosto e várias mãos em seu corpo: duas em cada braço, uma na altura acima do peito e outra abaixo do peito.
Figura 06: Rostos	Um rosto masculino com um leve sorriso e uma mão, aparentemente masculina, tapa seus olhos; e um rosto feminino com os olhos arregalados e uma mão, aparentemente masculina, tapa sua boca.
Figura 07: Mulher na escada	Uma mulher na escada com o olho roxo, olhando para cima, no topo há sombra de um homem com um cinto na mão.

Fonte: os autores.

Análise das imagens sobre violência de gênero

Conforme Ruiz (2003), antes de se pensar conscientemente, se imagina e se tece as identidades por meio de imagens significativas do mundo. Sendo o imaginário algo indefinível, não se pode explicá-lo por meio de definições totalmente conclusivas. Contudo, pode-se sondá-lo, posto que o imaginário é “[...] pura potencialidade de renovar o sentido do já existente” (RUIZ, 2003, p. 51), ou seja, é por meio do imaginário que a sociedade representa o mundo.

Sabe-se que as representações sociais são essenciais para o entendimento da dinâmica social, bem como para explicar as relações inter e intragrupos (LOPES, 2013). Por conseguinte, através das análises das imagens apresentadas durante a pesquisa, foi possível inferir algumas representações de violência de gênero concebidas pelas participantes, já que “[...] toda imagem é uma produção de sentido, [...]. Desse modo, a imagem se constitui em sinônimo de representação” (RUIZ, 2003, p. 89).

Após a apresentação das imagens, solicitou-se às colaboradoras que escolhessem a que mais representasse violência de gênero. Para a maioria das entrevistadas, todas as imagens representavam violências. Carolina Maria de Jesus, em tom de brincadeira, disse

que era “meio que uma pegadinha”, sendo difícil escolher apenas uma. Então, a maioria optou por falar sobre cada figura.

A Figura 5 foi a que mais dividiu opiniões. Enquanto algumas entrevistadas afirmaram que ela apresentava uma violência sexual (Pagu e Perséfone), outras ficaram confusas. Alexandra Kollontai afirmou que a imagem é impactante, mas observou que os braços poderiam estar protegendo a mulher. Girassol pensou de modo semelhante, porque, segundo ela, “não tem nenhum indício de marca [...] Esses braços, na verdade, podem estar significando alguma proteção, inclusive, a ela e não uma agressão. Diferente das outras, eu acho”. Já para Chiquinha Gonzaga, essa imagem era a menos representativa de uma violência de gênero, em virtude de que, para ela, pode “acontecer com homem também”. Essa colaboradora compreende que a violência de gênero ocorre apenas com mulheres. Todavia, homens também sofrem esse tipo de violência, entretanto, as mulheres são as maiores vítimas (SAFFIOTI, 2015).

Para Bertha Lutz, a Figura 5 traduz o medo que as mulheres, muitas vezes, têm de sair na rua, devido aos assédios sofridos; além disso, é preciso sempre ter cuidado com “o que falamos, vestimos e como nos comportamos” (BERTHA LUTZ). Essa constante autovigilância pode funcionar como um “*cercos invisíveis* [...] limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo” (BOURDIEU, 2012, p. 39, grifos do autor). Esse confinamento simbólico interfere nas vidas das mulheres de forma psicológica, intelectual e financeira, pois, muitas vezes, as impedem de frequentar locais onde a presença masculina é maior, como na EPT, por exemplo.

Girassol e Alexandra Kollontai entendem que as mãos não são necessariamente uma agressão. Girassol afirmou que no campus onde trabalha não há casos de violência de gênero registrados, e há um bom convívio entre todos/as servidores/as e ressaltou que os/as homossexuais são respeitados. Essa representação de amparo pode estar ligada à compreensão dela sobre a realidade em seu local de trabalho. Contudo, Perséfone escolheu a Figura 5 justamente por ter vivido situações semelhantes, enquadradas por ela como violências, pelo motivo de serem situações de “desconforto e paralisação diante de uma coisa que ali ela está se sentindo violentada” (PERSÉFONE).

Carolina Maria de Jesus explicou que não escolheu a Figura 6 como a mais impactante porque ela não tem a presença da agressão física. Segundo a colaboradora, esse tipo de violência é a mais chocante na sociedade, devido ao machismo enraizado na

cultura. Na análise de Alexandra Kollontai da mesma figura, a mulher tem a boca tapada para não expressar o que sente, nem denunciar as violências sofridas. Quanto aos homens, eles fecham “os olhos pra ignorar que acontecem esses episódios de violência” (ALEXANDRA KOLLONTAI).

Pagu, que é professora de artes, elencou a Figura 6 como a mais impactante, em virtude de que ela transborda a sutileza da violência na sociedade. Para ela, as imagens de um homem agredindo fisicamente uma mulher “também é relativa à sociedade, mas fica no privado” (PAGU), perdendo “de vista a estrutura social” da violência (SAFFIOTI, 2015, p. 85). A colaboradora afirma que a representação da Figura 6 não é algo relativo apenas ao casal, pois ela remete à sociedade em si.

[...] A gente tem um leve sorrisinho daquela boca daquele homem que tá ali do lado. Não é uma coisa escancarada, sabe? Então essa imagem, ela demonstra muito mais a violência velada, que pode ser tanto no âmbito público quanto no privado. De uma forma muito mais subjetiva. Volta na outra imagem [figura 07], por favor. E nessa aqui é muito mais objetiva a situação, ele tá com uma cinta na mão, ela tá fugindo por uma escada, ela sofreu um roxo no olho. E a gente sabe que muitas mulheres, sim, muitas mulheres sofrem essa violência direta. Que é uma violência física e direta. Mas se a gente somar todas as outras violências né, que toda mulher já sofreu algum tipo de violência, aquela outra retrata mais, porque tem muita gente que sofre violência que é psicológica, que é emocional, até violência financeira. Que é praticada pelos homens, o modo de vida deles sobre as mulheres e tal, que não fica explícito na outra imagem, sabe? (PAGU).

Com exceção de Pagu e Alexandra Kollontai, as demais entrevistadas escolheram, de certa forma, as imagens que aparecem violências físicas como as mais representativas de violência de gênero. Para Bertha Lutz, a violência física é a mais extrema, ela pondera que “as mulheres ganharem menos é uma violência sim! É uma violência. Mas, se comparado a uma mulher que não dorme tranquila porque o marido bate, que tu não sabe se vai acordar viva [...]” (BERTHA LUTZ). Entretanto, a colaboradora enfatiza que esse tipo de agressão nunca vem sozinho, pois é um pacote, no qual a “[...] violência emocional está sempre presente” (SAFFIOTI, 2015, p. 79).

Quanto à Figura 1, Carolina Maria de Jesus comenta que “o pai, que é pra ser a tua referência de amor, de acolhida, paz, tá sendo representada como um monstro”. Segundo Alexandra Kollontai, essa imagem evidencia a forma como a figura masculina é, muitas vezes, representada em uma família. Chiquinha Gonzaga afirma que, além do sofrimento da mãe, o desenho representa a possibilidade da perpetuação da violência no futuro dos/as filhos/as, uma vez que estes “reproduzem aquilo que, muitas vezes, a gente tem em casa”.

Para Carolina Maria de Jesus, a família deveria ser um espaço de acolhida para os/as filhos/as, independentemente de seus gêneros ou orientações sexuais. Isso porque “quando a família é esse espaço já de opressão, é esse espaço em que a violência está naturalizada, além dos traumas todos, muitas vezes isso vai se refletir no futuro” (CAROLINA MARIA DE JESUS).

Bertha Lutz teve uma compreensão da Figura 1 diferente das demais. Para ela, a imagem representa o cotidiano dos lares, em que as “partes são todas ‘sexuadas” (BOURDIEU, 2012, p.17).

A ideia da mãe que cuida das crianças, que lava a roupa, que faz a comida, que... Entende? Que tem duas, três jornadas de trabalho, e o pai aquele cara bonachão, assim, que chega em casa e reclama que a janta não tá como ele gostaria, que a cerveja não tá gelada que... Entende? Que é uma *grande* violência de gênero né? Que... E quando eu digo que talvez essa seja a que esteja mais presente, é porque muitas mulheres sequer sabem que isso é uma violência. E é o que mais acontece nos lares brasileiros. Talvez por isso tão emblemático, né? (BERTHA LUTZ, grifo da entrevistada).

Conforme Bertha Lutz, a figura representa o homem como o provedor da casa e a mulher como a responsável pelo trabalho reprodutivo (BARRAGÁN *et al.*, 2016). Na atualidade, com aumento da participação das mulheres no mundo do trabalho e o uso de métodos contraceptivos (LINS, 2017), as divisões das tarefas domésticas começam a ser repensadas, gerando “[...] consequências na aquisição de posições sexualmente diferenciadas no seio da família” (BOURDIEU, 2012, p. 108).

Entretanto, a atual sociedade ainda enxerga as tarefas domésticas como um atributo de feminilidade; mas por não serem remuneradas, não têm valor de mercado (BOURDIEU, 2012) e não são consideradas como trabalho (FEDERICI, 2019). Entende-se como correta a análise de Bertha Lutz acerca da sobrecarga e do esgotamento das mulheres, visto que, mesmo aquelas que possuem um trabalho remunerado, não se “livram” do trabalho doméstico (FEDERICI, 2019). Ainda há a latente discussão sobre como o trabalho feminino assalariado afeta as atribuições de maternidade (COLLING, 2020).

As colaboradoras relacionaram a Figura 3 às violências representadas pelas exclusões de mulheres no ambiente de trabalho. Para Bertha Lutz, a imagem representa o corporativismo; há lugares não permitidos às mulheres, dado que os homens não as deixam participar. Perséfone reconheceu que há colegas mulheres que relatam serem ignoradas

pelos colegas homens, mas relatou que nunca aconteceu com ela, logo, o “agente de violência era mais forte” para as outras figuras (PERSÉFONE).

Chiquinha Gonzaga afirmou que também nunca sofreu violência no trabalho. A colaboradora não escolheu a referida imagem, mas confirmou que a violência nela exposta é a mais mencionada por suas colegas. Nenhuma entrevistada relacionou a Figura 3 ao ambiente escolar nos cursos em que há poucas meninas. O que pode direcioná-las para áreas “[...] que lhes são sistematicamente destinadas” (BOURDIEU, 2012, p. 114), visto que elas se autoexcluem de profissões devido à ideia de não pertencimento àquela área de estudo.

Entendimento de gênero

Há certa imprecisão para o significado de gênero, sendo esse um tema de debates bastante intensos (SCOTT, 2012). Ele é um “[...] conceito por demais palatável, porque é excessivamente geral” (SAFFIOTI, 2015, p. 148). Contudo, pode-se afirmar que gênero é um fator sociocultural que produz hierarquias e desigualdades (CAETANO *et al.*, 2019) entre homens e mulheres.

Girassol e Carolina Maria de Jesus relacionam gênero ao sexo biológico; para esta última, gênero é uma representação social, porém “historicamente muito em função das questões biológicas, dos estudos, a gente tá representado no masculino e feminino. Mas é *fortalecido* por uma construção social né, por uma representação social” (CAROLINA MARIA DE JESUS). Já Girassol afirma que:

Gênero é um contexto bem mais específico, eu acho né! Porque em gêneros tem vários tipos de gêneros que aí inclui a própria diversidade. Não é só gênero, eu acho, masculino e feminino, sexo biológico sim! Nós nascemos menino ou menina, né? E aí tem outros contextos que vão então classificar esse gênero pra essa pessoa, né? A própria sociedade, a própria utilização de alguns, algumas substâncias químicas, como o próprio uso dos agrotóxicos, né? Então tem outras questões. Os próprios hormônios [com ênfase] do nosso organismo.

Para Girassol, gênero não é um fator exclusivamente social, já que existem elementos químicos que influenciam na construção do gênero de uma pessoa. Todavia, há um consenso que o “gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessário um produto direto do sexo biológico de um indivíduo” (FONSECA *et al.*, 2020, p. 27). Portanto, compreende-se que as concepções de gênero são culturais e estão em conformidade com normas sociais vigentes, normas que

também mudam de acordo com a época em que se está ou se estuda (CAETANO *et al.*, 2019).

Conforme Alexandra Kollontai, “gênero é aquilo que tu se identifica enquanto pessoa. E vai bem além do binário né, do homem e mulher”. Enquanto para Chiquinha Gonzaga, gênero é como a pessoa se sente e se mostra para o mundo. Percebe-se que essas colaboradoras entendem gênero como uma construção social (SCOTT, 1989), e não é de uso exclusivo de/para mulheres, posto que o gênero é “também estruturante da sociedade, do mesmo modo que a classe social e a raça/etnia” (SAFFIOTI, 2015). Nesse sentido, Chiquinha Gonzaga comentou que:

[...] as pessoas falam que gênero é uma coisa, sexualidade é outra. Eu acho que talvez seria gênero em relação à mulher e homem e talvez sexualidade em relação a como a pessoa se sente, mas... Eu, pra falar a verdade, eu acho que no fundo é tudo a mesma coisa ainda. Então, assim, eu acho que é a maneira como a pessoa se sente, a representação.

Para a colaboradora, em certos aspectos, gênero e sexualidade se confundem. Contudo, a sexualidade corresponde às formas de expressar os desejos e prazeres praticados em uma determinada cultura (LOURO, 2018). Girassol afirmou que “querendo ou não, quando tu perguntaste o que é gênero, o que é diversidade, eles andam sempre juntos né? Fica difícil separar o que é gênero, o que é diversidade”. Nas identidades de gênero, também há diversidade, dado que, além das pessoas cisgêneras, existem as transgêneras, “cuja identidade de gênero é diferente do gênero de nascimento” (FONSECA *et al.*, 2020, p.25). Todavia, como o núcleo aborda temáticas de gênero e diversidade sexual, entende-se que a colaboradora se referiu à diversidade sexual e não a de gênero.

Bertha Lutz também relacionou sexualidade e gênero, entretanto, enfatizou que este é uma construção social. A sexualidade é historicamente construída e pode ser repensada, problematizada e desfeita (CAETANO *et al.*, 2019). Considerando que vive-se em uma sociedade sexista e heteronormativa⁸, a sexualidade ensinada/aprendida por homens difere da ensinada/aprendida pelas mulheres. Estas precisam se preservar, até mesmo reprimindo seus desejos sexuais, enquanto os homens aprendem a ser “pegadores” (de mulheres) para serem “machões”. Existem homens que, inclusive, preferem morrer a perder sua virilidade (SAFFIOTI, 2015).

⁸ A heteronormatividade parte do princípio de que todas as pessoas devem atuar e ser referenciadas a partir da heterossexualidade (CAETANO *et al.*, 2019).

Uma das possíveis relações entre gênero e sexualidade é observada na forma como a pessoa se expressa. Sendo que “de modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, ‘o/a enrustido/a’” (LOURO, 2018, p. 36). Ou seja, aquele/a que demonstra estar em conformidade com as normas sociais de seu gênero.

Hall (2006) afirma que a identidade é formada na relação entre o mundo pessoal/interior e o mundo público/externo. Tal qual a classe social (econômica) de uma pessoa pode ser alterada, a identidade de gênero também pode, já que as identidades sociais são definidas historicamente e não biologicamente (HALL, 2006). Sendo o gênero uma das identidades que constituem o indivíduo, ele é “móvel e não uma estrutura fixa” (FONSECA *et al.*, 2020, p. 41), dado que ele é formado ao longo do tempo por processos inconscientes dos sujeitos (HALL, 2006).

Para Perséfone, gênero é uma forma de atuar no mundo sem precisar agradar ninguém; para ela, gênero está relacionado a “se entender no seu lugar estando confortável, seguro, se sentindo acolhido, se sentindo bem” (PERSÉFONE). Pagu foi enfática ao dizer que o gênero serve para colocar as pessoas em “caixinhas”. Em tom irônico, ela disse que “o ser humano não é capaz de lidar com a diversidade, ele precisa das coisas muito bem explicadinhas, encaixadinhas” (PAGU). Pode-se inferir que, para ela, gênero é como “[...] um operador que cria sentido para que as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder” (LINS *et al.*, 2016, p. 10).

Pagu comentou que trouxe um fundo teórico embasado em Foucault e Butler ao afirmar que “gênero é um conceito socialmente construído que serve pra impor controle sobre os corpos” sexuados. O poder disciplinar, destacado nos estudos de Michel Foucault, está preocupado com a regulação e vigilância e é exercido por Instituições para disciplinar as populações (HALL, 2006). Entre essas instituições, encontra-se a escola, pois suas “[...] imposições e proibições fazem sentido, têm ‘efeitos de verdade’” (LOURO, 2018, p. 25).

Ademais, Bertha Lutz considera que gênero também é a forma pela qual a sociedade produz a construção do feminino e do masculino, e questiona: “Como é que ela produz esse homem? Como é que ela produz esse masculino? Como é que ela produz esse feminino?”. Cada colaboradora enfatizou determinados aspectos do gênero, contudo, há um consenso

entre as entrevistadas e as estudiosas do tema: “[...] gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Atualmente, os estudos de gênero englobam também “[...] abordagens sobre identidade e diferenças, (trans) sexualidades, movimentos sociais, cultura, desigualdades e violências, dentre outros” (FONSECA *et al.*, 2020, p. 21). Gênero refere-se às relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1989), sendo que, no início dos estudos deste campo, a preocupação central era sobre os direitos das mulheres.

Entendimento de Violência de Gênero

A escola é um dos agentes reprodutores do sexismo e do machismo na sociedade. Por conseguinte, infere-se que essas violências também estão presentes nos IFs. Contudo, “[...] sempre que há relações de dominação-exploração há resistência” (SAFFIOTI, 2015, p. 139). Acredita-se que a existência de Núcleos de Estudos sobre Gênero nos IFs é uma política que contribui para o “[...] desaparecimento progressivo da dominação masculina” na EPT (BOURDIEU, 2012, p. 139).

Nesse íterim, sabe-se que existem diversos tipos de violência, mas, para compreendê-los, é preciso uma definição (LINS *et al.*, 2016). Perséfone atrelou as violências de gênero ao poder, que, segundo ela, é usado para separar e classificar as pessoas. Ou seja, as violências estão ligadas à possibilidade de alguém impor sua vontade à outra pessoa, sem seu consentimento (LINS *et al.*, 2016). O poder da classe dominante em uma sociedade patriarcal e sexista está nas mãos dos homens (BOURDIEU, 1989). As mulheres, sendo socializadas em uma sociedade patriarcal, muitas vezes, compactuam com as ideologias dominantes sem perceber ou questionar a ideia de inferioridade social (SAFFIOTI, 2015).

Alexandra Kollontai recordou-se da Figura 1 e refletiu sobre sua infância. Ela lembrou que a “questão do autoritarismo do meu pai, em função, em relação à minha mãe, em relação a mim que era uma menina, pra mim já é uma violência de gênero” (ALEXANDRA KOLLONTAI). Perséfone saliente que “toda violência é uma necessidade não atendida”, ela disse também se interessar em entender o que leva uma pessoa a cometer um ato agressivo.

Saffioti (2015) acredita que o poder possui tanto a face da potência quanto da impotência, e que os homens, ao praticarem violências de gênero, estão sob o efeito desta

última. Perséfone entende que, além da vítima, o agressor também necessita de atenção, posto que somente assim é possível uma verdadeira “transformação da relação violenta” (SAFFIOTI, 2015, p. 71); visto que se não houver um trabalho de compreensão sobre violência, sexismo e patriarcado com os homens, eles perpetuarão as agressões contra outras mulheres.

Considerando que, de forma geral, o homem acredita ser superior à mulher, Chiquinha Gonzaga afirmou que não há igualdade na sociedade:

E esse superior à mulher seja uma violência velada né, seja uma violência física, seja uma violência verbal, seja uma violência... Acho que tem inúmeras né. [...], seja uma violência de ignorar, seja uma violência de né, até corporal. A gente percebe como o homem incha o peito e a maneira de falar, aquela violência física, não posso dizer física, mas comportamental. [...] tudo isso sobre uma pessoa, uma mulher que eu não digo que é o sexo frágil, mas se impondo sobre o outro gênero, aí eu acho que é violência.

Para essa colaboradora, nas relações de poder, a mulher pertence ao gênero que mais sofre violências. Nessas relações, o homem, portador do poder, é legitimado pela sociedade e está “autorizado” a discriminar categorias sociais (SAFFIOTI, 2015). Pagu interpreta violência de gênero como “[...] todas as violências que nós sofremos e que nos impedem né, nos bloqueiam de ser e atingir com todo o nosso potencial como seres humanos. São todas aquelas limitações que nos são impostas por sermos mulheres”.

Quanto aos tipos de violências, Pagu compreende que existem emocionais, psicológicas, financeiras, físicas, entre outras. Ela complementa informando que “[...] tem esses outros tipos de violências que são muito mais veladas e que acabam podando nosso desenvolvimento” (PAGU). Essas violências veladas, muitas vezes, não são tipificadas em lei, e são legitimadas baseadas em diferenças biológicas ou costumes e tradições (LINS *et al.*, 2016).

Carolina Maria de Jesus acredita que violência de gênero “[...] é tudo que nos coloca pra baixo, que nos humilha, que nos menospreza, que diminui a nossa capacidade. Ela está em *todos* os lugares, em *todos* os ambientes”. Portanto, ela também está no ambiente educacional; sendo a EPT um mundo tido como masculino, é preciso combater as violências cotidianas que possam acontecer.

De acordo com Chiquinha Gonzaga, graças à sua participação no núcleo, pôde aprender sobre os tipos de violência por ela desconhecidos até então. Apesar de ter negado já ter sofrido alguma violência de gênero, ela recordou que já ouviu insultos sexistas no

trânsito. Isso corrobora com a pesquisa de Saffioti (2015), que concluiu que o número de mulheres que declaram ter sofrido alguma violência de gênero aumenta quando são instigadas a pensar sobre o assunto. Muitas vezes, as vítimas não percebem que sofreram agressões, dado que adotam categorias construídas pela classe dominante e as veem como naturais (BOURDIEU, 2012).

Na atualidade, os estudos de gênero se cruzam “[...] com outros tipos de desigualdade, incluindo raça, orientação sexual e classe” (LINS *et al.*, 2016, p. 33). Carolina Maria de Jesus afirmou ser importante trazer questões de raça e de classe social para a discussão sobre igualdade entre as mulheres. As demais participantes não interseccionaram as violências de gênero com outros marcadores sociais de diferença que produzem disparidades (LINS *et al.*, 2016). Sendo o espaço social multidimensional (BOURDIEU, 1989), Collins (2019) afirma que classe, raça, gênero e sexualidade são opressões que ainda se interseccionam.

Considerações Finais

As colaboradoras demonstraram que “[...] a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível” (BOURDIEU, 2012, p. 106). De modo geral, quando exemplificam os tipos de violências de gênero, elencam os seguintes tipos de violências contra mulheres: física, sexual, psicológica, emocional, patrimonial/financeira, desvalorização, piadinhas, etc. As entrevistadas entendem, ainda, que os diversos tipos de violência estão relacionados à divisão sexista do trabalho (remunerado e doméstico), etc. Portanto, elas compreendem que a violência é uma “[...] ruptura de *qualquer* forma de integridade da vítima” (SAFFIOTI, 2015, p. 18, grifo nosso).

Constata-se que cada participante têm um entendimento particular sobre gênero e violência de gênero. Por isso, “[...] apesar da ampla disseminação do termo, os significados de gênero estão longe de estarem resolvidos” (SCOTT, 2012, p. 331). Desse modo, é preciso reforçar que a categoria mulher não é unificada, não existe “[...] *a mulher* (como forma única), mas sim *mulheres*, no plural” (LINS *et al.*, 2016, p. 33, grifos do autor). Essa categoria é constituída por várias identidades e continuam separadas por “[...] diferenças econômicas e culturais” (BOURDIEU, 2012, p. 112). Pode-se observar isso nas análises das Figuras 5 e 6, por exemplo, que algumas participantes identificaram como violências “menores” e outras acreditam que as imagens eram as que mais representavam violências.

Apesar de todas as colaboradoras atuarem em núcleos semelhantes e trabalharem na área de Educação, elas têm histórias de vida diferentes. Em vista disso, cada uma delas interpreta as violências de forma singular e impõem seus próprios limites entre o que é agressão ou não (SAFFIOTI, 2015), visto que cada uma têm sua própria forma de vivenciar e sentir a dominação masculina (BOURDIEU, 2012),

Considerando que as “[...] categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objectivas do espaço social” (BOURDIEU, 1989, p. 141), infere-se que as participações nos Núcleos de Estudos sobre Gênero podem convergir na construção de um outro imaginário acerca dos fazeres sociais. Conforme mencionado por algumas entrevistadas, a participação no núcleo possibilitou conhecimentos e reflexões sobre a temática que até o momento não eram possíveis, devido ao desconhecimento sobre os estudos de gênero.

Presumindo que os anseios e comportamentos são diversos em um mesmo grupo social (LINS, 2017), observa-se que existem mais semelhanças que diferenças nas representações das colaboradoras. Apesar de haver certa confusão entre sexualidade, gênero e sexo, todas compreendem o gênero como uma construção social do feminino e do masculino.

Salienta-se que os resultados da busca por imagens sobre violência de gênero não retornaram imagens de mulheres negras nem casais homossexuais, fato que também não foi problematizado pelas entrevistadas. Esse apagamento pode ser reflexo da sociedade heteronormativa e racista, fazendo-se pensar em casais heterossexuais como padrões de relacionamentos afetivo-sexuais.

Além disso, faz-se refletir sobre o apagamento das violências sofridas por mulheres negras, circunstância que atualmente proporciona um denso debate no feminismo. Este, muitas vezes, engloba as mulheres em uma categoria única de “mulher” (branca e de classe média), ignorando a diversidade e complexidade da categoria mulheres.

Referências

BALDIN, N; MUNHOZ, E. M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *In: X Congresso Nacional de Educação* - Educere. Curitiba, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BARRAGÁN, M. A. *et al.* Pensar a partir do Feminismo. *In:* DILGER, Gerhard; LANG, Miriam Lang; FILHO, J. P. (orgs.) **Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Debate**. Brasília, 2010.

CAETANO, M; LIMA, C. H. L; CASTRO, A. M. Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. *In:* **Colloquium Humanarum**. 2019, 5–16. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3179>. Acesso em: 04 out. 2021.

COLLING, A. M. Relações de Gênero, Feminismo e Produção dos Sujeitos. *In:* SILVA, F. F. da; BONETTI, A. de L. (org.) **Gênero, diferença e direitos humanos: é preciso esperar em tempos hostis**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FIGURA 01. Google Imagens. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/AtualidadesdoDireito/atores-juridicos>. Acesso em: 24 abr. 2021.

FIGURA 02. Google Imagens. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sp-violencia-contra-mulher-aumenta-449-durante-pandemia>. Acesso em: 24 abr. 2021.

FIGURA 03. Google Imagens, Disponível em <https://claudia.abril.com.br/politica-poder/nao-decidiu-seu-voto-o-que-e-importante-para-as-mulheres-nas-propostas/> Acesso em: 22 abr. 2021.

FIGURA 04. Google Imagens. Disponível em <https://www.ufp.pt/docente-ufp-analisa-violencia-de-genero-em-tempos-de-covid/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FIGURA 05. Google Imagens. Disponível em https://www.freepik.com/free-vector/stop-gender-violence-illustration_8851852.htm?epik=dj0yJnU9WW84c0tybjZvb0F6MwY3SUFHNG9tLU1YQ1BFQnpIRk8mcD0wJm49d2FKX1BGLVBjejFMMmJxcmFaYWxMdyZ0PUFBQUFBR0YyRE1z. Acesso em: 22 abr. 2021.

FIGURA 06. Google Imagens. Disponível em <https://varonesunidos.com/sin-categoria/el-mito-de-la-opresion-de-la-mujer-en-occidente-desmontando-al-supuesto-patriarcado/>Acesso em 22 abr. 2021. Acesso em 22 abr. 2021.

FIGURA 07. Google Imagens. Disponível em: <https://www.meer.com/pt/19836-a-rendicao-pela-vida>. Acesso em 22 abr. 2021.

FONSECA, S. T. A. *et al.* Gênero e Sexualidade: alguns conceitos, reflexões e diferenciações. In: BRANCHER, V. R.; COLLING, A. M.; PORTO, E. Q. **Caminhos possíveis a inclusão V: gêneros, (trans) gêneros e educação alguns enfrentamentos.** Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA. *Resolução Consup 015/2014 Regulamento da Coordenação de Ações Inclusivas da Reitoria e dos Câmpus do IFFarroupilha.* Disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/a%C3%A7%C3%B5es-inclusivas>. Acesso em: 26 dez. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS. **Resolução nº 037, de 20 de junho de 2017.** Disponível em: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/2017617145038539resolucao_037_17_completa.pdf. Acesso em 26 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE. **Regulamento Próprio do Núcleo de Gênero e Diversidade do Campus Pelotas.** Disponível em: <http://www.lajeado.ifsul.edu.br/nuged/apresentacao>. Acesso em 26 out. 2019.

JACOBINI, M. L. **Metodologia do Trabalho Acadêmico.** Campinas: Alínea, 2006.

LINS, B. A; MACHADO, B. F; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais:** a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LINS, R. N. **Novas formas de amar.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LOPES, Telma Jannuzzi da Silva. As representações sociais e a educação. In: **II Seminário Internacional de Representações sociais, Subjetividade e Educação,** 2013, Pontifca Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9077_6744.pdf. Acesso em: 10 out. 2021. (25158-25167)

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Vozes, 2014.



LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: as abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M; DESLANDES, S; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

SAFFIOTI, H. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. **Gênero**: uma Categoria Útil de Análise Histórico. 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 13 fev. 2020.

SCOTT, J. **Os usos e abusos do gênero**. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez, 2012.

RUIZ, C. B. **Os paradoxos do Imaginário**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44. p. 203-220, ago./dez, 2014. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 20 out. 2021.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA


Tábata dos Santos Fioravanti. Mestrado. Instituto Federal Farroupilha, Campus Jaguari, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Jaguari, RS, Brasil.

E-mail: tabatafioravanti@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8813-3657>

Vantoir Roberto Brancher. Doutorado. Professor Efetivo do Instituto Federal Farroupilha, Campus Jaguari. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Inicial e Continuada de Professores (MAGMA). Jaguari, RS, Brasil.

E-mail: vantoir.brancher@iffarroupilha.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2829-7320>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.



FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal Farroupilha. Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de número 30384820.7.0000.5574, data: 02/04/2020.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 15/08/2022 - Aprovado em: 20/12/2022 – Publicado em: 20/12/2022.

COMO CITAR

FIORAVANTI, T. S.; BRANCHER, V. R. Questões de Gênero na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 3, n. 7, p. 225-244. 2022.